

A questão de gênero na Geografia Agrária: Entrevista com Rosa Ester Rossini

Ana Rute do Vale

Universidade Federal de Alfenas (Unifal) – Alfenas, Minas Gerais, Brasil.
e-mail: ana.vale@unifal-mg.edu.br

Resumo

A Professora Rosa Ester Rossini dispensa comentários no que se refere à sua importância nos estudos da questão de gênero na geografia brasileira, sobretudo, com relação à trabalhadora rural dos canaviais paulistas. Nessa entrevista, ela nos mostra como sua trajetória pessoal permitiu que chegasse à graduação em Geografia na USP (Universidade de São Paulo), onde desenvolveu sua carreira de docente e pesquisadora, permanecendo ainda ativa, por meio de orientações, publicações, participação em eventos, entre outros. Também mostra a importância da escolha metodológica nas pesquisas sobre gênero, o machismo no meio acadêmico e as transformações dessas mulheres, ao longo de seus mais de 50 anos de pesquisas. Essa entrevista foi realizada em 11 de junho de 2019, quando ele participou de uma mesa redonda no V Simpósio Nacional de Geografia Política, Território e Poder e o III Simpósio Internacional de Geografia Política e Territórios Transfronteiriços, na UNIFAL-MG.

ANA RUTE: *Por favor, eu gostaria que você falasse sobre a sua trajetória, que é importante para compreendermos em que contexto a geografia de gênero entra na sua pesquisa.*

ROSA ESTER: É muito interessante. Eu venho de uma família italiana e na família italiana o que vale é o filho *maschio*¹. E isso foi uma grande vantagem para as mulheres dessa ascendência porque as mulheres eram mais livres para realizar os seus sonhos e os filhos menos livres para realizar os seus sonhos. Então, tudo o que o meu irmão iria fazer, ele pedia se poderia fazer (para os pais), que nem sempre concordavam e ele, então, ele obedecia. E para mim, eu aprendi uma coisa muito importante: eu não pedia, eu informava o que ia fazer, ou melhor, eu informava o que eu estava fazendo. Para vocês terem uma ideia, com 10 anos e meio, eu fui morar fora da minha casa, surpreendendo minha família. Como aconteceu? Naquela época, nós estávamos fazendo aquele exame de admissão, fazendo cursinho. Terminava os quatro anos², você tinha que fazer de seleção para ingresso no 1º ginásial. Seleção brava! Aí, eu estava preparando para o exame admissional. É que eu entrei na escola muito cedo e saí com 10 anos do grupo, daí eu tive um ano livre, porque também você tinha que ter 11 anos para entrar no ginásio. Tinha essas coisas. Você tinha que ter até fevereiro para completar 11 anos e eu completava em outubro. Então, eu fui. Não tinha professor na minha cidade (Serra Azul), não tinha ginásio na minha cidade, então

¹Significa homem, macho, rapaz em italiano (<https://dicionario.reverso.net/italiano-portugues/maschio>).

² Se refere ao atual 1º ao 9º anos, que corresponde ao ensino fundamental.

eu ia até São Simão (SP). Tinha um ônibus que levava os estudantes, então, eu fui fazer exame da admissão, o preparatório. Aí, a professora me disse: “Rosa, você não está muito bem não, se você não estudar bastante, você não entra”. Aí, uma coleguinha falou para eu ficar na casa dela. Aí, no outro dia eu peguei um embornal, pus minha roupa numa sacola. Sentada, às 10 horas, almoçando, porque o ônibus saía 10h30min, eu falei (para a família): “a partir de hoje eu vou morar em São Simão”. Me olharam, meio esquisito. E fui. Você acredita? Então, você desafia para poder avançar. E entrei no ginásio. Então, quando eu entrei no ginásio, meu irmão estava saindo e foi para Ribeirão Preto. Daí ficou na casa do tio. Quando eu terminei o ginásio, o papai falou que eu também ia ficar na casa do tio e eu falei: “não, eu já arrumei uma pensão, já tem um lá (o irmão)”. E eles: “mas nós não temos dinheiro para pagar pensão”. E eu falei: “aguenta 2 meses”. Eu sempre dava prazo. Aí, eu consegui a melhor possibilidade para mim, que foi jogar basquete por meio salário. E foi ótimo para minha postura, para tudo. Aí, eu joguei basquete, mas na escola eu era do grupo das filhas dos operários. A escola do estado no Brasil era frequentada pela população de alta renda e a baixa renda frequentava a escola paga porque a escola estadual era muito boa. Então, tinha um grupo que eu, por sorte me liguei a eles. Para você terem uma ideia, minha irmã hoje, a... Ela tinha 14 anos, ela estava fazendo o Normal (antigo magistério), ela escrevia os discursos do presidente da Câmara dos Vereadores de Ribeirão Preto, para você ter uma ideia do brilho. Ela sempre brilhou! Ela liderava um grupo. Então, alguma coisa errada que acontecia na escola, a diretora chamava o grupo. Aí, depois que constatava que não tínhamos sido nós, daí procurava o culpado, mas nós éramos os melhores alunos. Desse grupo do Normal, umas 4 ou 5 foram professoras, eram professoras da USP. Não é professora de qualquer universidade, é da USP. Então, era um cartão de visita você frequentar a escola pública, que essa foi a Otoniel Motta. Aí, então, eu fui avançando na minha trajetória. Quando terminei o Normal, estava indecisa. Desde o curso ginasial, eu tinha dois professores bons de Geografia e de Francês, mas o de Geografia ganhou. Eu ia, conforme eu disse, com a nona (avó) visitar as amigas e via que a casa do imigrante italiano...

ANA RUTE: *Sua família chegou a ser de colonos?*

ROSA ESTER: Minha família foi de colonos de café. Vieram (da Itália) em 30 de dezembro de 1889. Chegaram aqui e, aí, foram para Serra Azul exatamente. Ficaram na Hospedaria do Imigrante e de lá foram para Serra Azul, mas na colônia. Então, minha nona, como minha família já tinha se mudado para a cidade e eu era muito companheira da minha nona porque minha mãe trabalhava. Desde cedo minha mãe trabalhava. Então, eu ia com ela e ficava ouvindo as conversas, ficava vendo como eram as casas e ficava vendo também como era a casa do vizinho que também não tinha horta, não tinha jardim, não tinha cortina nas

janelas, que não tinha linguça e carne no fumeiro³, que não tinha doce nas prateleiras. (Pensava) Tem alguma coisa aí que eu precisava entender! Eu achava que era Geografia, nem sabia que existia Sociologia. Fui descobrir mais tarde. Aliás, eu nem sabia o que era USP, que eu iria fazer. Eu ouvia falar em Maria Antônia, que era a rua onde estava a USP e depois fiquei sabendo que era a USP. Mas foi muito bom! E de novo, outro enfrentamento familiar. (Ela) “Eu vou pra São Paulo”. (O pai) “Nós não temos dinheiro”. (Ela) “Tem sim”. (O pai) “Como assim tem dinheiro?”. (Ela) “Eu sei que o senhor fez um empréstimo para comprar meu anel de formatura”. Meus pais eram serventes de escola. Salário mínimo, né? (O pai) “Mas o sonho da minha vida era ter uma filha professora”. (Ela) “Então, eu já sou professora”. (O pai) “Mas com anel no dedo”. Eu falei: “vamos fazer o seguinte: me dê o dinheiro do anel”. Daí ele foi comigo pra São Paulo, no dia 18 dezembro e ficamos na casa da tia. Aí, eu fui me matricular no cursinho (preparatório para o vestibular) da Maria Antônia e eu fiquei procurando uma pensão ali por perto, mas era cada espelunca! E minha tia: “fica aqui na minha casa. Te dou um quarto, te dou umas comidinhas pra você, arrumo pra você ficar sozinha no quarto”. E eu: “não, eu vim pra estudar, eu vou ficar na pensão”. Aí, por sorte eu consegui arrumar a melhor pensão do mundo porque quando começaram as aulas, começaram a chegar as pessoas que moravam na pensão. Eram todas universitárias, todas as alunas da USP. Então, foi uma satisfação enorme. Aí, o dinheiro foi acabando e o papai me mandou voltar. Aí, uma das meninas da pensão falou assim: “Rosa, eu arrumei um serviço pra você. Tem uma família japonesa - ela era japonesa - e as crianças não estão indo bem na escola e eu disse que você podia ajudar. É um salário mínimo. Vai lá!”. Eles eram tintureiros. Historicamente, os japoneses eram tintureiros. Aí, eu fui lá. Ganhava um salário mínimo por mês, ensinava as crianças e, ao mesmo tempo, eu tirava uma ou duas vezes por semana pra chegar mais tarde na faculdade, para poder cuidar dessas crianças, ou no fim da tarde. E foi muito bom porque eu passava o dia na faculdade. Aí, começaram a perceber, na faculdade, que eu era um pouco diferente dos alunos porque eu estava sempre com a mesma saia, sempre com o mesmo sapato e sempre com o mesmo agasalho. Aí, conversa vai e eu sempre solícita: “se precisar de alguma coisa, eu ajudo”. E dentro desse meu espírito, eu não diria só de submissão porque no emprego dos meus pais você tem sempre que falar amém, embora ajudasse até na limpeza, e meus pais eram realmente fantásticos, caprichosos demais. Então, quando chegava visita, a mulher que fazia o café não tinha ido, lá no departamento, ou não estava lá, eu falava: “quer um cafezinho, eu faço”. Imagina se minhas colegas de universidade iriam se oferecer para fazer um café. Então, eu passava o dia lá, eu ajudava um, ajudava outro e estudava e era CDF⁴ demais e foi indo que

³ Local onde se penduram os alimentos para serem defumados (<https://www.dicio.com.br/fumeiro/>).

⁴ Pessoa muito inteligente e esforçada que prefere estudar do que participar de atividades sociais e festivas, sendo geralmente o melhor aluno da sala; "cabeça de ferro", "crânio de ferro" (<https://www.dicio.com.br/cdf/>).

foi dando certo. Só que aí vem a questão, quando eu me formei, em 1963, criaram o Instituto de Geografia da USP e, aí, me convidaram para ser auxiliar de pesquisa. Convidaram 6 colegas, eram 4 mulheres e 2 homens. Então, nessa hora, no serviço braçal a mulher é mais dedicada. Nós tínhamos que fazer o levantamento do que chegava, em São Paulo, de produtos hortifrutigranjeiros. Então, era ali do lado do mercado (municipal), o entreposto e coletávamos 10% das notas fiscais, copiávamos. Um trabalho gigantesco! Foi ótimo! Então, eu já estava lá e trabalhava meio período do dia lá e o outro período frequentava a faculdade, mas eu não sei como conseguia tempo para fazer estágio no Instituto Biogeográfico, Geológico, estágio no Instituto de Medicina Tropical. Fazendo estágio, trabalhando e ainda fazia francês. Então, era um corre, corre na semana. Aí, surgiu a possibilidade de contratação de duas pessoas no Departamento de Geografia. Não tinha concurso. Aí, o departamento inteiro sabia que eu era a pessoa mais interessada e que tinha as melhores notas. Aí, o meu nome foi lançado e foi aprovado por todos, menos pelo catedrático⁵. Ele disse: “não, mulher casa, tem filho e não faz carreira”. A próxima vaga foi surgir só em 1970, mas eu tive um acaso feliz porque no mesmo... Eu me formei em 1964 e, em 1965, eu fui convidada para dar aula na PUC-Sedes Sapientiae, PUC-São Bento. O professor Pasquale Petroni me convidou para dar aula de geografia no Colégio Dante Alighieri, no curso Normal e eu ainda trabalhava no Instituto de Geografia. E passei, em primeiro lugar, no concurso de ingresso no magistério, público. E era difícil! Eram três provas e provas pesadas. Era uma lista de 200 livros e um programa assim: Geografia Geral, Geografia do Brasil, Geografia da Europa. Enfim, tive sorte, o acaso feliz de cair o que eu sabia e fui muito bem. Aí, em 1970, que eu fui ser professora da USP, mas eu não larguei nenhuma das coisas. Só larguei o Instituto de Geografia.

ANA RUTE: *E podia dar aula na rede pública e na USP ao mesmo tempo?*

ROSA ESTER: Dava porque só tinha que achar horário. Porque a USP era em tempo parcial. Na USP, você entrava com tempo parcial. Eu demorei 6 anos para chegar, só cheguei com doutorado (a se tornar professora efetiva).

ANA RUTE: *Então, nessa época você não tinha nem o mestrado ainda.*

ROSA ESTER: Nem o mestrado. Aí, em um ano, eu já estava fazendo o mestrado. Defendi o mestrado como título “Serra Azul: o homem e a cidade” porque tinha sido lançado o livro que tinha... E eu achei muito simpático o homem e a cidade (risos). Mas eu fiz um trabalho interessante sobre a ocupação do espaço e já trabalhando com a mão de obra volante. Então, a minha vida é cheia de acasos felizes. Então, a primeira pessoa do Departamento

⁵ Referente a cátedra. Professor titular de escolas secundárias e superiores, geralmente admitido mediante concurso (<https://www.dicio.com.br/catedratico/>).

de Geografia que trabalhou com a mão de obra volante fui eu. A primeira pessoa que defendeu teses sobre geografia da população fui eu. A primeira pessoa que defendeu teses sobre geografia de gênero fui eu, no Departamento de Geografia da USP. Então, deu sorte porque eu não procurei originalidade, mas eu procurei coisas que me agradassem, que permitissem com que eu desenvolvesse meu trabalho.

ANA RUTE: *Tendo sido uma das pioneiras em tratar do tema questão de gênero na Geografia brasileira, em sua opinião, por que a Geografia demorou tanto tempo para compreender a importância do estudo de gênero na análise do espaço geográfico?*

ROSA ESTER: Acontece exatamente. Não há nenhuma preocupação na especificidade e eu sempre usei o discurso de que a média não retrata a realidade, porque a média não estava dizendo nem da questão do trabalho do homem e nem do trabalho da mulher. Agora, foi muito difícil! Eu participava dos movimentos. Fundamos o Núcleo de Estudos da Mulher, na USP. Mas o primeiro livro que saiu sobre a questão de gênero foi em 1983, quer dizer, já bem tardiamente. Tanto é que, quando eu fiz o doutorado, em 1975, aí saiu meu tempo integral (regime de trabalho), em 1976, e eu fiz o meu projeto para fazer meu trabalho sobre a questão... Não, o trabalho da mulher. Aí, eu fui a campo. Apliquei 400 questionários! Esse era o meu projeto do tempo integral, era o trabalho da mulher. Aí, apliquei 400 questionários e meu pai me ajudou. Mas também tinha quatro (questionários) sobre a mulher trabalhadora volante. Mas eu já estava no bom caminho, que era trabalhar a família e não a especificidade do trabalho da mulher, porque a especificidade, você trabalha só um item, agora a qualidade de vida é dada pelo tamanho da família. Então, você tem que aprender isso. Mas eu já tinha mais de 4 blocos de questionários, se tivesse na família mais de uma pessoa que cortava cana, era mais um questionário. Então, eram 4 blocos: um sobre a casa, outro sobre a família, outro sobre atividade, o outro não me lembro de mais. Aí, era esse sobre atividade que era aplicado para cada pessoa que morava ali. Às vezes tinha 9 pessoas que trabalhavam na casa. Era uma loucura, mas essa era minha metodologia.

ANA RUTE: *Essa pesquisa era em Ribeirão Preto?*

ROSA ESTER: Sim, na macro área de Ribeirão Preto. Era a região de Ribeirão Preto, mas fui tendo aluno que queria trabalhar com Araçatuba, outro queria com outro município. Então, coloquei a macro área. Aí, quando eu fui tabular os dados, estava difícil e eu não sabia como continuar. Ou eu faria uma péssima antropologia, uma péssima sociologia. Aí eu comecei a estudar. Demorei 12 anos para defender a livre docência, por que como introduzir a questão de gênero na geografia? Nessa altura, eu era representante do Brasil, da América do Sul da comissão da geografia da população da União Geográfica Internacional. Aí, teve o primeiro evento sobre gênero em Cagliari, na Sardenha (Itália). Aí eu fui pra lá. Consegui

que a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pagasse a passagem e eu fui assistir o primeiro evento sobre gênero, mas era “*O trabalho de la donna*”. Mulher é *donna*. Aí, eu fui à Inglaterra. Porque as coisas não eram tão fáceis assim, não tinha internet, não tinha nada pra você comprar os livros e, por reembolso postal, era caro. Aí, eu fui à Inglaterra comprar um livro, o primeiro livro sobre geografia e gênero. Paralelamente, eu tinha... isso aconteceu no segundo semestre, setembro. Em julho teve uma reunião da União Geográfica Internacional, preparando um evento no Brasil. Eu organizei, em São Paulo, um seminário sobre geografia e gênero. Não se chamava gênero, era o trabalho da mulher. Aí, foram sociólogos, antropólogos apresentar e eu, mas tinha a Maria Helena⁶, que trabalhava no IBGE, que me “cutucou”, quando comecei a falar: “o que é de geografia aí”? Daí, eu vi que realmente eu não estava conseguindo avançar. E eu só fui avançar na discussão de gênero, que foi o fio condutor, através do trabalho, no qual a mulher produz e reproduz o espaço, porque a mulher não era categoria de análise na geografia. Objeto da geografia qual era? O espaço. Então, é só através do trabalho que se produz e reproduz o espaço. Aí, foi que eu peguei o fio condutor e apliquei no campo de novo. Foi em 1985. Em 1986, eu fui a campo de novo. Eu tinha ido em 1977. Fui a campo de novo, mas aí com mais segurança. E essa mania que eu tinha de guardar coisas, tinha guardado os 400 questionários. Aí, eu fui ver quais os questionários que estavam mais completos se selecionei 36 dos 400 e apliquei um número equivalente. Aí, eu pude comparar e foi assim que eu fiz a minha livre-docência. O que tinha acontecido num período de 10 anos, aproximadamente, em relação ao trabalho da mulher e o conceito da mulher em relação ao trabalho. Valeu a pena!

ANA RUTE: *E você sentia resistência no meio acadêmico por trabalhar com essa temática, nessa fase?*

ROSA ESTER: Olha, na realidade, as coisas na academia são individualistas. Quer dizer, você, entre aspas, tem que criar a sua imagem, apesar de algumas pessoas... Na realidade, o que sempre existiu foi um silêncio, né? É interessante que santo de casa não faz milagre, mas eu tive na minha (banca de) livre-docência, Milton Santos, tive Manuel Correia (de Andrade), tive a primeira mulher que defendeu tese sobre mulher, que foi uma freira da Sedes Sapientiae, a irmã Leda⁷. Foi até vice-reitora da PUC. E, no meu concurso para titular tinha a Eva Coelho na banca porque na geografia não havia ninguém trabalhando com a questão de gênero. Agora, eu até vou falar hoje que, na realidade, eu acho que trabalhar com gênero é extremamente importante, mas você tem primeiro definir o que você vai fazer

⁶ Maria Helena Neves Pereira de Souza.

⁷ RODRIGUES, Leda Maria Pereira. A instrução feminina em São Paulo: subsídios para uma História até a Proclamação da República. Tese de Doutorado em História (1960). Mimeografada. São Paulo, PUC/FFCL – Sedes Sapientiae, 1960 (www.pucsp.br/revistacordis).

e como você vai fazer porque o objeto tem que ficar muito claro, da sua pesquisa. Eu disse que eu fui aprimorando, assistindo cursos, como trabalhar a questão de gênero. Por exemplo, numa palestra do Paul Singer, ele dizia o seguinte: “a gente não pode, ao trabalhar qualquer tema, esquecer que as pessoas estão organizadas em família e que dentro da família é que vai ter a atividade realizada, a renda realizada, que vai definir a qualidade de vida”. Então, você não pode pegar a pessoa e entrevistar a mulher. Você tem que entrevistar a mulher, dentro de um contexto familiar. Isso é essencial. A outra coisa que o José de Souza Martins me ensinou... Nós fomos colegas de faculdade, nós formamos no mesmo ano e a Marilena Chauí também, mas cada um na sua área. E ele dizia: “Olhos nos olhos. Se você faz a pergunta e a pessoa desvia o olhar, ela não está respondendo certo. Você refaça a pergunta, com outras palavras”. Por isso que é importante você ir a campo, você fazer as entrevistas. Não tem que delegar. Mesmo que você diminua o universo da pesquisa, mas seja responsável por aquilo que está fazendo. Isso é uma grande aula.

ANA RUTE: *Hoje, muita gente está fazendo as entrevistas pelo whats app, pelas redes sociais e não é o ideal?*

ROSA ESTER: Não. Não tem aquele calor humano de você apreender, quando a pessoa está mentindo, inclusive, ou que está respondendo por responder. Eu acho que não. Agora, uma coisa que a modernidade facilita e que dificulta. Por exemplo, no passado, com a migração dos homens, por 6 meses, para o corte da cana, que deixavam as mulheres lá (na sua região de origem), eles, quando muito, escreviam uma carta orientando como as mulheres deveriam trabalhar a propriedade, pequena. Mas eram só o homens e os filhos homens que vinham, raramente vinham mulheres. Aí, a mulher tinha uma autonomia. Ela recebia orientação, mas ela tinha autonomia de gestar as suas atividades. Aí, de repente, em 2005, a Maria foi ao campo. A Maria Moraes⁸, ela teve em 2005, 2007, ela foi minha pós-doctor. Então, ela foi para o Nordeste e também foram duas orientandas minhas, mas não junto com ela e por outras razões e que foram para o Maranhão e para o Ceará. E ela foi para o Maranhão e Piauí entrevistar e notou o seguinte, com o telefone colocado nos povoados, o orelhão, havia filas de mulheres. Aí, tocava o telefone, era sempre hora marcada, no domingo e alguém dizia: “fulana, é o seu marido”. Aí (os maridos) passaram a orientar (as mulheres): “tem que fazer desse jeito, não daquele”. Elas perderam um pouco da autonomia. E com o celular, perderam mais ainda, com conversa diária, o controle é maior. Esse é um dado interessante. Houve uma perda de autonomia com a modernidade técnica científica nesse processo de migração temporária.

⁸ Refere-se à socióloga Maria Aparecida Moraes Silva, professora visitante do programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos.

ANA RUTE: *Já que não tinha ninguém específico da geografia estudando gênero, quais foram suas referências?*

ROSA ESTER: As minhas referências foram os movimentos sociais. Depois 8 mulheres fundaram o Núcleo de Estudos da Mulher, na USP. Tinha a Ruth Cardoso, uma da Psicologia, a Eva, da Sociologia, a Vera, da Física, aquela que faleceu, mulher do Marco Aurélio Garcia, que era da Sociologia também e publicou o primeiro livro, uma tradição, mas... O sexo do gênero, uma moça da faculdade de direito⁹. Enfim, éramos 8 pessoas e pelo menos, conseguimos espaço, conseguimos financiamento. O primeiro evento, eu que organizei porque a Eva virou senadora e eu virei coordenadora do núcleo. Mas é muito difícil! Não digo que seja difícil trabalhar com gênero, mas sim trabalhar com as humanas. Eu me escandalizo mais com a falta de respeito dos organismos nacionais com relação às ciências humanas. Por que estou falando isso? Você se lembra do (Programa) Ciência Sem Fronteiras¹⁰, criado na gestão de uma mulher, criado na gestão do PT (Partido dos Trabalhadores), que tem uma preocupação social, com as classes sociais, as ciências humanas não eram contempladas. As ciências humanas tem fronteira? Como pode uma coisa dessas? Eu esbravejava o tempo todo porque é o fim. E com esse atual governo, sobre o pessoal da academia, da faculdade, só fala abobrinha. Eu me lembro de que a primeira ministra da Alemanha (Angela Merkel), umas reivindicações feita pelos juízes, ela disse: “eu não posso aumentar o salário de vocês, sem aumentar o salário dos professores porque quem ensina vocês são os professores”. E no mundo você vê que, quanto mais civilizado o país, quanto melhor a qualidade de vida e mais baixo os índices de violência e de criminalidade, melhor os professores são remunerados. Você vai à Dinamarca, um professora ganha quase como um ministro de Estado. Você vai ao Japão, o juiz é respeitado, não tem nenhum lugar do mundo onde o príncipe faz referência para o professor. Eu fui dar aula no Japão e os alunos da faculdade se levantam quando a gente entra na sala de aula. Eu orientava, através de um convênio, alunos do Japão e aí, um dia, um aluno chegou pra mim e disse: “professora, dá para senhora fazer uma carta para o meu superior porque eu preciso de um carro para fazer pesquisa de campo?” Eu respondi: “por que eu tenho que fazer uma carta?”. E ele: “é porque se a senhora fizer uma carta, ele libera”. Aí eu fiz, dizendo da importância de ter um carro para o trabalho de campo e chegou

⁹ O Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher foi fundado, em 1985, por um grupo de docentes e pesquisadoras da Universidade de São Paulo: Eva Alterman Blay, do Departamento de Ciências Sociais, apontada para coordenação do NEMGE; Carmen Barroso (FFLCH); Rosa Ester Rossini (FFLCS); Maria Amélia Azevedo (IP); Ruth Cardoso (FFLCH); Lia de Freitas Garcia Fukui (FFLCH); Maria Célia Paoli (FFLCH); Elizabeth Lobo (FFLCH); Dulcília Helena S. Buitoni (ECA) e; Miriam L. Moreira Leite (FFLCH). Em 1988, adotou-se a denominação Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero - NEMGE (<https://nemgeusp.weebly.com/>)

¹⁰ Ciência sem Fronteiras foi um programa de pesquisa criado em 2011 pelo governo Dilma Rousseff para incentivar a formação acadêmica no exterior, oferecendo bolsas de iniciação científica e incentivando projetos científicos em universidades de excelência em outros países (<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>)

o dinheiro. Aí, ele falou: “professora, dá para senhora pedir um telefone - naquela época custava caro - porque é importante para o meu trabalho de campo?”. Pronto, veio o dinheiro para comprar o telefone. Mas a coisa pra mim mais surpreendente é que ele ganhava 5 mil dólares por mês, com a bolsa. Era casado e tinha 3 filhos. Acredita que quando chegava a bolsa, ele via o quanto tinha sobrado do mês anterior e devolvia? E, no Japão, naquela época, mas não deve ter mudado, mas lá só pode ter 2 filhos, se tiver 3 tem que pagar imposto de renda mais alto. E na China, você pode ter só 1 filho. Então, dizem que quando nasce uma mulher, eles jogam na fogueira ou mandam para o campo, para os avós criarem porque o desejo é terem um filho homem. E aí, a China hoje está com dificuldade de casamentos. E até eu defendo uma tese, a expressão que a academia usa, que a miscigenação dos japoneses no Brasil se deu porque nenhuma japonesa queria casar com o filho mais velho, porque ele é o responsável pela família. Então, é muito pesado porque na falta do pai e da mãe, o filho mais velho tem que assumir a família em dinheiro, em atenção, em tudo. Eu me lembro de que estava na antessala de um hospital, onde eu ia ser operada e tinha uma japonesa, ao meu lado, na fila pra ser operada. Aí, eu olhei pra cima e tinha uma mulher loira e ela falou: “estou tão cansada!”. E eu perguntei: “por quê?” Ela falou: “é porque eu cheguei 4 horas da manhã de Belo Horizonte para acompanhar minha sogra”. E eu falei: “mas ela não tem outros filhos”. E ela: “tem 5, mas eu sou casada com o mais velho”. Então isso é interessante.

ANA RUTE: *O que pensa sobre o termo “invisibilidade” ou “ajuda” para definir o papel social das mulheres no campo? Concorda com a utilização deles nas pesquisas geográficas? Por quê?*

ROSA ESTER: Na realidade, a invisibilidade é na hora da contagem porque as mulheres, realmente... É interessante que no meu questionário eu colocava máquina de costura e isso mudou também porque com o prêt-à-porter¹¹, ninguém remenda roupa, ninguém prega botão, ninguém faz roupa em casa. Compra o pré-fabricado. Então, quando eu comecei minha pesquisa, mais de 50% das famílias tinham máquina de costura manual, depois algumas passaram à elétrica e agora virou uma coisa de antiquário, máquina de costura. Agora a palavra ajuda, eu encontrei nas minhas primeiras pesquisas. É muito interessante a evolução do pensamento das mulheres e a sua conscientização. Então, (elas diziam): “eu trabalho para ajudar meu marido”. Aí, já nos anos 1990, elas diziam assim: “eu trabalho porque se eu não trabalhar, a gente não come”. Então, já muda o conceito de ajuda, para necessidade. O Paul Singer, de novo, em um livro fantástico, São Paulo nos anos 70, qualquer coisa assim, ele escreve que o rebaixamento relativo dos salários foi acontecendo

¹¹ Expressão em francês que significa pronto-a-vestir (<https://dicionario.reverso.net/frances-portugues/pr%C3%AAt-%C3%A0-porter>).

de tal forma que, nem mesmo o homem incorporando todas as horas que podia trabalhar, é impossível ter uma família... de baixa renda. Então, houve a necessidade de a mulher ser incorporada na força de trabalho familiar, para garantir a sobrevivência da família. É interessante porque ele foi colocando 40 horas, 50 horas, 60 horas. Nem 100 horas dava para pagar as despesas da casa. E a outra coisa que ele colocava também era a consciência de que, enquanto morador no campo, o filho era um investimento, enquanto morador urbano, o filho é um gasto. Por que investimento? Porque ele (pai) ia ensinando o filho no trabalho e a criança ia rendendo desde cedo nesta ajuda. E na cidade, essa criança¹²...

ANA RUTE: *Mas aí tinha a divisão sexual do trabalho, no campo.*

ROSA ESTER: Tinha, a filha ajudava a mãe e os meninos iam com o pai para o campo. Apesar de que as meninas, elas também se iniciavam de certa forma, porque o menino ia cedo ajudar o pai e a menina ia levar comida, ou iam os dois porque começavam o trabalho como uma espécie de brinquedo, depois é que virava coisa séria. Agora, é interessante porque, se você vai ao campo hoje, nos assentamentos, você vê as crianças trabalhando, mas o discurso das mulheres está tão bem elaborado que... porque sabe que se a criança estiver trabalhando, (a família) não pode receber o Bolsa Família. Então, elas dizem: “não, ele (criança) não está trabalhando. Ele está varrendo ali porque ele gosta de brincar com a vassoura”. Coisa desse tipo. Ou então, “ele está puxando o rastelo para abrirem para jogarem bola”. É muito interessante porque fala que criança não pode trabalhar. Mas isso é interessante porque eu acho que a criança não pode trabalhar, mas acho que a criança pode aprender.

ANA RUTE: *Tentando entender esse processo que foi o êxodo rural, o que mudou na vida dessas mulheres que se mudaram do campo para a cidade? O que mostrou sua pesquisa?*

ROSA ESTER: As mulheres sempre migraram primeiro que os homens. Primeiro, porque elas podiam ser contratadas como domésticas e, segundo, porque se você não tivesse a quitação do serviço militar, os homens não encontravam trabalho. Então, eles migravam mais tarde que as mulheres. As mulheres foram precoces, no ponto de vista da faixa etária, na migração. Agora, eu tenho viajado muito pelo Brasil, por conta do PIBIC¹³. Eu tenho visto coisas absurdas por esse país a fora. Eu examinei uma dissertação de mestrado no Amazonas, da violência sexual contra a mulher. Eu estou chamando de violência sexual, mas era, na verdade, o rapto de mulheres. Chegava uma pessoa, um branco, na aldeia e

¹² Refere-se à obra “São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza”, publicado pela Editora Loyola, em 1976.

¹³ Desde 1989, Rosa Ester Rossini tem se dedicado também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) nos processos de seleção e avaliação de projeto (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4783143P7>).

falava com o cacique se ele permitia que um amigo dele, americano, que tinha uma curiosidade enorme de conhecer a aldeia, se ele autorizava a vinda dele. Era para passar uma semana na aldeia. Ele até pagava para poder ficar. O homem branco falava: “com essa gentileza sua, eu gostaria de saber qual a necessidade que o senhor está tendo, para agente pensar em suprir alguma coisa”. Aí é sempre um motor de barco a maior dificuldade (para conseguir). E quando o cara chegava com um americano deslumbrante, corpo escultural e branco desbotado, já vinha com o motor (de barco) e ficava lá. Mas eram visitadas as aldeias onde o cacique tinha filhas adolescentes. Aí, da noite para o dia, o americano se apaixonava perdidamente pela filha do cacique. Em uma semana acontecia isso tudo. E pedia a filha do cacique em casamento, mas dizia que era uma pessoa, um executivo, que tinha um trabalho e que iria levar ela, mas que ela teria toda liberdade de comprar o que quisesse e fazer o que quisesse e que quantas vezes ela quisesse, voltava para a aldeia para visitar os parentes e, se ele pudesse viria junto, e essa história toda. Mas para ela não ficar sozinha, podia levar 2 ou 3 amigas também, que aí ela tinha companhia, no golpe. Aí, em uma semana já estava apaixonava perdidamente e juntava 2, 3 meninas levava e nunca mais se sabia dessas meninas. Isso acontece no Amazonas. Foi a tese de uma ex-freira, que eu examinei. Foi mestrado e é muito comum. Agora outra coisa no Amazonas que é muito interessante, é o pai iniciar a filha. “Vagabundo nenhum vai se aproveitar da minha filha” (fala desses pais). E o que é interessante é que tem a questão do peixe. Como chama? O boto. Quem engravida as meninas é o boto. E o que é interessante é que é uma coisa que passa de geração, em geração. No começo do PIBIC, você era uma autoridade muito bem recebida e até era levada para restaurantes, para passeios. E numa dessas minhas idas ao Pará... Eu estou contando essa história para você ver o fetichismo. O pró-reitor nos levou para um passeio de barco, que tem dança folclórica (no rio Guamá, em Belém). Aí, ele levou a mulher. Quando foi a dança do boto, ela tremia e transpirava e eu fiquei aterrorizada. Uma mulher, que é casada com um pró-reitor... Eu não perguntei qual era o nível (de escolaridade) dela, mas imaginei que fosse nível universitário, mas quando vê o boto se transforma, transpira, quer chorar, umas coisas assim. Aí, eu conversei com uma amiga minha, que é psicóloga e ela disse: “não, isso aí pode ver que teve um pai no meio dessa história”. É incrível! Então, tem umas formas de machismo que são tão arraigadas, que viram um fetichismo.

ANA RUTE: *Nessa migração do campo para a cidade, há uma alteração na vida da mulher.*

ROSA ESTER: Completamente.

ANA RUTE: *E mesmo que ela não seja inserida no mercado de trabalho, que continue apenas com as atividades domésticas, é uma relação diferente.*

ROSA ESTER: Olha, eu vou dizer uma coisa para você que me surpreendeu. Nas pesquisas de campo, o que me surpreendeu foram as mulheres falarem que preferem cortar cana a serem empregadas domésticas. Mas eu falei: “mas você trabalha debaixo de um teto, você não toma sol, não toma chuva, você come uma comida saudável. Nunca leva marmitta ou marmitex, que você nunca sabe, o que tem”. Mas ela me respondeu: “mas a minha liberdade vale mais. Numa casa de família eu estou numa prisão. Eu não posso rir, não posso falar, só posso falar: sim”. Eu fiquei impressionada porque não passava pela minha cabeça essa possibilidade de se sentirem prisioneiras. E, na realidade, é muito comum você dizer (para a empregada): “faça isso, faça aquilo”. Apesar de que eu como patroa sou uma negação porque eu sempre tenho empregada que manda em mim, que dizem: “eu não vou fazer isso, não vou fazer aquilo”. Aí, no sábado eu sento (com a empregada) e falo: “o que vamos fazer de almoço hoje?”. Ela olha pra mim e diz: “eu pensei...”. Aí, eu falo: “então, faz a lista que eu vou comprar”. Se eu falo: “mas eu queria...”. Ela responde: “isso não é bom pra hoje”. Eu tenho uma em São Paulo que está comigo há 25 anos e uma no interior que está há 34 anos. Eu sei admitir, não sei mandar embora.

ANA RUTE: *De que forma a Geografia pode contribuir para a equidade de gênero?*

ROSA ESTER: Bom, a equidade de gênero, na minha concepção, independe da área, depende da consciência porque o que nós entendemos por equidade ou igualdade é um tratamento igual, respeitando algumas diferenças para homens e mulheres. Salário igual para homens e mulheres. Mas, na realidade, é interessante porque eu peguei um recorte de jornal recentemente e o Japão vai fazer uma campanha para aumentar em 3% o salário das mulheres porque os homens ganham 20% a mais que elas. É uma consciência. Olha aí, aumentar 3%! Então, na realidade, o que acontece, um pouco, é culpa nossa (das mulheres). A gente que aprender a exigir mais, a reivindicar mais. No serviço público, em que nós estamos, o salário é o mesmo para as mesmas atividades. Agora, nós somos pouco ousadas. Então, que acaba assumindo a direção são os homens e ganhando mais por assumirem a direção.

ANA RUTE: *Mulher reitora, então...*

ROSA ESTER: É muito difícil, mas eu acho que nós temos que ter mais ousadia. Agora, eu falei e acho que reforçar é importante, o desejo das mulheres é a laqueadura, na de baixa renda, que é para poder ter emprego porque senão não consegue emprego com facilidade. Isso mudou a cabeça nossa porque é interessante, porque nós tivemos que brigarmos porque as empresas faziam... Os organismos internacionais queriam cuidar até da

fertilidade e laqueavam quando a mulher, quando ela ia ter filho, sem que ela soubesse¹⁴. E depois, na minha casa, eu que tive que pagar (para a empregada) porque: “ah Rosa, eu quero laquear, mas não tenho como pagar”. E aí, eu paguei. E é interessante porque faziam (a laqueadura) junto com o parto de cesariana. Agora é em outro momento, até mesmo para cobrar o outro preço. É algo interessante porque, antigamente, com certeza minha mãe ficou, as mulheres ficavam 40 dias em um quarto escuro de resguardo (após o parto). Agora, você opera e no outro dia já está comendo frango assado.

ANA RUTE: *Como tem visto o crescimento das pesquisas de gênero na geografia?*

ROSA ESTER: Eu acho que muito pouco porque eu acho que média não retrata a realidade. Então, tem que distinguir a especificidade do trabalho da mulher, especificidade do trabalho do homem, quanto as mulheres trabalham, quanto os homens trabalham, quanto as mulheres ganham quanto os homens ganham, quanto é feita a divisão do trabalho em casa. Então, isso dá a possibilidade de entender como as coisas vão evoluindo. Parece-me que as pessoas da academia têm uma consciência melhor de colaboração familiar, mas eu tenho percebido... Você vê que hoje os homens carregam as crianças no colo. No passado, não carregavam e hoje para eles é quase um trunfo: “estou carregando meu filho, minha filha”.

ANA RUTE: *Quais temas dentro da questão de gênero a senhora considera mais urgente a ser estudada e debatida atualmente?*

ROSA ESTER: Olha, na realidade, eu acho que tem que ter de tudo porque nós estamos... Dá para apontar no dedo quem está trabalhando com questão de gênero. Então, acho que nós temos que trabalhar todos os setores. Conforme eu disse, eu estou numa encruzilhada porque eu não tenho mão de obra para trabalhar no campo. Então, eu tenho minhas noites elucubradas. Agora mesmo o CNPq abriu edital para pedir bolsa. Eu tenho bolsa desde 1983, sem nunca ter perdido porque você não pede renovação, é um novo projeto e eu estou aqui gestando um título na modernidade técnico científica, para onde foram as mulheres e os homens cortadores de cana. Porque no campo mesmo está muito difícil (encontrar esse tipo de trabalhador). Uma menina de iniciação científica foi à Serrana para fazer uma pesquisa. Foi um grupo inteiro, foram umas 5 pessoas para ajudá-la, para ensiná-la a fazer

¹⁴ A laqueadura tubária é uma prática da esterilização para fins contraceptivos, que ocorreu a partir dos anos 1960 e 1970, expandindo-se fortemente nas duas décadas seguintes, no Brasil, no contexto da política pró-natalista dos governos militares, contando com o apoio de organizações internacionais, como a Sociedade Civil do Bem Estar Familiar – Bemfam, e cujo discurso dominante era o da redução da população nos países periféricos como instrumento de combate à pobreza e à violência urbana (ALVES, A. M. Memória da esterilização feminina: um estudo geracional. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v.07.01, abril, 2017, p. 187–207. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752017000100187. Acesso em 08 jul. 2020).

a pesquisa. Foram 3 pós-doc, mas ela e um menino que era voluntário, eles não acharam cortadores de cana.

ANA RUTE: *E nas usinas, em que as mulheres trabalham?*

ROSA ESTER: Nas usinas, as mulheres trabalham em suas especificidades. Então, elas são cozinheiras, as mulheres varrem, lavam coisas. Agora, tem esse... A cada 5 homens, tem 1 mulher que é agrônoma, veterinária. Cargo administrativo, bem pouco. No digitar (escritório), tem muitas mulheres também. É interessante que, hoje, a usina tem um sistema de que se o empresário (do grupo da usina) estiver em Nova Iorque, ele é capaz de ver pelo computador se o operador de máquina saiu, se deixou a máquina aberta, se foi fazer um xixi e deixou o ar condicionado ligado. Agora, na usina, a gente não imagina a técnica presente. Até na distância para cortar cana, até 40, 50 km... Antes cortavam cana a 90 km. Então, eles têm uns mapas muito interessantes para saber a renda de cada eito. Agora, eu tenho uma hipótese a partir do trabalho da Elisinha (Elisa Pinheiro de Freitas). Ela fez um trabalho muito cuidadoso, não com relação de gênero, mas com a geopolítica e, por 2 anos ela acompanhou diariamente, no jornal, o antigo O Comércio, atual Agora, quem comprava terra no Brasil, os estrangeiros, a área que compravam, o valor pago, a origem do capital e o interesse de cultivo. Mas a conclusão que ela chegou é a seguinte: eles não estão interessados, efetivamente, na terra, eles estão interessados no aquífero (Guarani) porque nos seus países, a água virou ouro, não tem. Então, eles estão comprando enormes espaços. Aí, no trabalho dela, ela demonstra que depois de você colher a cana, só para fazer o etanol, cada litro de etanol, gasta 100 litros de água. Agora, nas pesquisas que estão sendo feitas, para você colher 1 quilo de soja, são 3.600 litros de água. Agora, para fazer o açúcar, eu ainda não vi nenhum dado. Sabe por quê? Varia, né? Você tem que trabalhar, o primeiro corte é 1 ano e meio, mas depois você pode fazer até 10 cortes, antes fazia 3. O que acontece é o seguinte: em fevereiro começa a colher a cana para plantar e lá para abril ou maio... Antes, quando eu comecei a pesquisar, tocava o sino, no dia de São João (24/06) e começava o corte. Agora, você começa em qualquer período porque você pode cortar o ano inteiro. Agora, o que eles fazem também é entre um plantio e outro... O plantio que durava 3 anos, agora pode colher a qualquer tempo, mas cai a produtividade. Agora, eles plantam alguns produtos que enriquecem o solo, amendoim, que aproveitam o produto químico do solo também e deixam outros, soja. E já cheguei a ver girassol. É uma espécie de rotação de culturas, mas é para exatamente enriquecer o solo. Agora, é interessante que, quando eu estudei, nos anos 1960, o cerrado só servia para o criatório. Em 1955, foi feita a primeira experiência americana do uso do NPK (nitrogênio, potássio e cálcio) e aí, começaram... Foi feito no município de Matão, em São Paulo e aí, começou plantar cana no cerrado. Até então, Haroldo de Azevedo escrevia que o cerrado só servia para pecuária

extensiva. Agora o que está me preocupando muito e que a geografia está atenta a isso é a expansão do cultivo dos eucaliptos. Por exemplo, em São Simão (SP), 70% das terras estão ocupadas com eucalipto. Ele aprofunda o lençol freático, portanto impede que se tenha... Não é um reflorestamento, é florestamento. Reflorestamento se fosse da mesma (espécie). E impede que animais se desenvolvam ali, debaixo... Não tem vida. O que é mais grave é que o corte é feito com máquina rapidamente. Então, o engajamento da força de trabalho é quase nulo. A cada 4, 5 anos você corta, mas é com máquina, utilizando poucas pessoas. Então, eu acho que o problema é que o Brasil está enfrentando, já desde os anos 1990, com a reestruturação produtiva é, exatamente, o preparo das pessoas para os novos tempos. Então, a fome tende a aumentar. Se não fosse a Bolsa Família, que não é quase nada, mas está garantindo a sobrevivência, a população, a baixa renda, já tinha morrido mesmo de fome, porque eu coloco duas coisas: de um lado é exatamente a falta de preparo das população para os novos tempos e, de outro lado, a entrada das drogas no Brasil é avassaladora e é o que está dando muito emprego para a (população de) baixa renda. E a violência aumenta porque a pessoa perde um pouco da sua consciência e a droga faz com que a pessoa não perceba a situação de carestia em que ela vive. Então, o crack está sendo muito consumido pela baixa renda porque é muito barato.

ANA RUTE: *Inclusive, pelos trabalhadores rurais.*

ROSA ESTER: É, porque agiliza (o trabalho).

ANA RUTE: *Já que você disse que já atuou no ensino básico, de que maneira acha que a questão de gênero deveria ser tratada no ensino de Geografia nas escolas?*

ROSA ESTER: Olha, o que acontece é o seguinte, eu tenho até um livrinho, que eu fiz com a Sônia Calió, “Ensino e educação com igualdade de gênero para infância e adolescência: guia prático para educadores e educadoras¹⁵”. Mas o mais interessante é que nós (mulheres) não percebemos que somos machistas. Por exemplo, quantos quadros de mulher tem na sala de aula? Sempre os valores masculinos. Quando aparece uma mulher, é uma mulher de peito de fora. Então, eu acho que a gente tem que começar a se valorizar. Você dificilmente chama uma menina para falar. Você chama um menino, né? Então, eu acho que a gente tem que ter uma consciência de classe, de gênero, para dar atenção igual para meninos e para meninas, para expor leituras que falam de meninos e de meninas, quer dizer, de mulheres e homens. Eu me lembro de que eu fui assistir numa SBPC (Sociedade

¹⁵https://www.academia.edu/19541288/ENSINO_E_EDUCA%C3%87%C3%83O_COM_IGUALDADE_DE_G%C3%8ANERO_NA_INF%C3%82NCIA_E_NA_ADOLESC%C3%8ANCIA_GUIA_PR%C3%81TICO_PARA_EDUCADORES_E_EDUCADORAS

Brasileira para o Progresso da Ciência), uma palestra do Mindlin¹⁶, que é um empresário rico que deixou... Apaixonado por obras raras, ele deixou para a USP, a sua biblioteca de obras raras “baratinha”, avaliada em 2 bi (bilhões de reais). Ele doou, mas exigiu que fosse feito um prédio especial para guardar as suas obras raras. E o Manuel Correia também deixou. Eu acho que o maior acervo particular de Geografia quem tinha era dele porque não só comprava, mas também pedia para todo mundo as teses, as coisas. Então, ele (Mindlin) foi fazer uma palestra e eu levantei a mão (e disse): “eu ouvi com muito carinho e respeito a sua apresentação, mas não tem mulher na sua biblioteca?”. Aí, ele foi muito elegante: “a minha mulher vive me cutucando mesmo porque eu só falo mais dos homens, mas tem fulana, sicrana... Mas eu vou prestar atenção na sua pergunta e daqui pra frente selecionar uma ou duas mulheres para falar sobre elas também”. Então, a gente tem que cutucar sempre.

ANA RUTE: *Para encerrarmos, sobre sua participação no V GEOSIMPÓSIO e o III GEOTRANS, na mesa redonda que trata de relações étnico-raciais e gênero, a senhora considera importante tratar da questão de gênero a partir de um recorte étnico-racial? Por quê?*

ROSA ESTER: Olha, na realidade, eu acho que nós temos que denunciar as diferenças de tratamento, em relação ao homem, em relação à mulher. E, na realidade, é muito interessante que nós temos duas coisas a atacar. Primeiro, ensinando para uma mulher as “boas maneiras” de como viver nessa sociedade, lutando pela igualdade. Nós temos que ensinar que são elas que convivem mais com os filhos e filhas, para ensinar exatamente como se vive em sociedade, com igualdade. Essa é a coisa mais importante. A segunda coisa é, através do nosso exemplo, nós temos que mostrar a importância das mulheres na sociedade. Então, nós temos que ser sérias, competentes e responsáveis porque é essa a imagem que os homens transmitem e nós transmitimos uma imagem de subalternidade. Nós temos que transmitir uma imagem de igualdade e equidade. Nós somos competentes, nós somos sérias, nós trabalhamos e somos responsáveis. Não podemos deixar para os homens os cargos importantes, as atividades consideradas mais expositivas, públicas. Então, eu acho que essa luta que agente tem de mostrar que nós somos competentes, sérias e responsáveis. E o fato de (a mulher) ser negra, eu digo o seguinte, que o Brasil ainda não aprendeu a distinguir o negro como igual porque viveu sempre na subalternidade. Eu acho que a gente tem que ter um cuidado e eu vou dizer por quê. Na minha classe, no ginásio tinha uma negra, que se chamava Benedita. Ela era a mais viva da sala, nas brincadeiras, jogava papeizinhos nos outros, coisas assim. Nós tratávamos a Benedita com

¹⁶ José Mindlin (1914-2010) foi um advogado, empresário e bibliófilo, além de ter sido imortal da Academia Brasileira de Letras (<https://www.usp.br/imprensa/?p=29185>).

o maior carinho, mas hoje deitada, pensando no meu ginásio, eu acho que era uma forma de discriminação porque a gente a tratava com excesso de cuidado para não descriminá-la. Então, esse cuidado a gente tem que ter porque nós temos que ter a justa medida da igualdade e da equidade. Eu acho, por exemplo, que não justifica a cota (racial) para entrar na universidade. Por quê? Porque estão descriminando, porque ao estabelecer cota, você está descriminando. Não está descriminando permitindo o acesso? A USP, por exemplo, eu tenho a impressão que esse foi o primeiro ano (2019) que ela entrou. A gente tem o cursinho de nivelamento, porque o cursinho está pressupondo que a pessoa tem um nível menor, inferior aos outros, dando cotas. E, ao mesmo tempo, eu acho que é mais difícil entrar pela cota do que pela forma normal (vestibular) porque, agora, todo mundo que tem percentual de sangue negro, se declara negra. E aí o que vai acontecer? A competição é muito maior. Mas, o que nós precisamos mesmo é revalorizar o ensino fundamental (público) porque, para mim, a passagem automática¹⁷, nós não tínhamos amadurecimento para conviver com a passagem automática e aí, os professores relaxaram. Eu tive a intenção de observar quais eram os municípios que tinham as melhores notas no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e os que tinham melhores notas foram os municípios que eu vou chamar de inacessíveis. Então, Barra do Chapéu, em São Paulo, o ônibus só vai uma vez por dia. Ele vai e volta. Então, não para a pessoa ir dar aula, tomar o ônibus e voltar. Então, ela é obrigada a morar lá. Ao morar, ela é indicada com o dedo: “esse é o meu professor, essa é a minha professora”. Então, ele tem que dar aula, porque nós chegamos num ponto que, na pesquisa feita nas Olimpíadas de Matemática, mostraram que de 40 a 60% dos alunos da 1ª a 5ª série, não sabem ler ou não sabem escrever. Como é que você chega até lá sem saber ler ou escrever? Com a passagem automática. Da 6ª à 9ª série, 40 a 60%, mesmo percentual sabem ler, mas não sabem entender o que escrevem. No ensino médio, apenas 7% sabem ler e interpretar um gráfico e ler uma tabela. Então, eu acho que nós precisamos criar vergonha, os professores do ensino... Eu, por mim, os professores... Eu apagava tudo e começava tudo de novo porque estão viciados. Eu fiz um curso que até o ginásio a professora levava o caderno para corrigir em casa. Tinha caderno de caligrafia. Agora, no futuro vai mudar a língua. Meus alunos: o não é o n, o também é tb. Não sabem mais nada. Então, eu acho que eu temo por isso. Agora, eu fico satisfeita porque, a Lucinha¹⁸, minha aluna, ela concorreu a uma vaga no Instituto Federal e ela passou em

¹⁷ Está se referindo, na verdade, à Progressão Continuada, uma das políticas públicas, implantada pelo governo do estado de São Paulo, em 1998, em todas as escolas públicas, “reorganizando o ensino fundamental em dois ciclos de quatro anos cada (Ciclo I: 1a à 4a ; Ciclo II: 5a à 8a), nos quais os alunos não podem ser retidos, à exceção dos faltosos” (VIEGAS, L. S.; SOUZA, M. P. R. A progressão continuada no estado de São Paulo: considerações a partir da perspectiva de educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, n. 2, Dec. 2006, p. 247-262. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572006000200008. Acesso em: 08 jul. 2020.)

¹⁸ Lúcia Ferreira Lirbório, que atualmente é professora do Instituto Federal de Pernambuco - campus Belo Jardim (<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4243043E8>).

terceiro lugar. Tinha 2 vagas, mas aí, ela entrou na classificação como negra e pegou como segunda vaga. Mas desde o começo ela me disse: “mas, professora, o primeiro não atende aos requisitos, ele não tem o diploma de professor de geografia. Ele é geógrafo, bacharel”. Então, agora eu não sei se ela pegou a segunda vaga porque era negra ou porque destituíram ele. Mas deram a ele uma vaga como professor substituto. Provavelmente para dar tempo de ele fazer a licenciatura.

ANA RUTE: *Então, em nome do curso de Geografia da UNIFAL-MG, eu agradeço imensamente a sua disponibilidade para essa entrevista.*

ROSA ESTER: Eu fico à disposição para outras informações.

Sobre a autora

Ana Rute do Vale – Graduação em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Docente do curso de Geografia do Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0003-3921-165X>

Sobre a entrevistada

Rosa Ester Rossini – Graduação em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0002-0429-7767>.

Como citar esta entrevista

VALE, Ana Rute do. A questão de gênero na Geografia Agrária: Entrevista com Rosa Ester Rossini. **Revista NERA**, v. 23, n. 55, p. 409-426, set.-dez., 2020.

Recebido para publicação em 10 de julho de 2020.
Aceito para a publicação em 12 de julho de 2020.
